

A VIOLÊNCIA GERANDO A VULNERABILIDADE DA PROFESSORA DAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

MARRAFA, Sonia Maria David – UERJ
soniamarrafa@yahoo.com.br

FERREIRA, Sonia Mara Lopes - UCL
smaralopes@yahoo.com.br

Área Temática: Fatores, manifestações e relações sociais no espaço escolar.
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

Este estudo tem como objetivo identificar os fatores que promovem a violência real e simbólica que geram a vulnerabilidade da professora das séries iniciais do ensino fundamental. Ao desvelar o significado de vulnerabilidade e suas características no espaço escolar será possível apontar propostas e soluções para retirar das situações cotidianas àquelas que promovem a condição de vulnerabilidade da professora. Esse estudo traz para discussão a violência sofrida pela professora das séries iniciais na escola e em seu entorno e como isso vai tornando-a vulnerável. Este estudo se refere a uma pesquisa qualitativa, de cunho descritivo e foi realizado em quatro escolas públicas do Município do Rio de Janeiro, situadas nos bairros de Pilares, Cavalcante, Água Santa e Del Castilho, tendo como interlocutoras dezesseis professoras, que durante as entrevistas tiveram a oportunidade de se posicionar e expor sobre como se desenrola todo esse processo de violência (real e/ou simbólica) na escola e em seu entorno, no seu cotidiano e como cada uma vem lidando com as suas fragilidades que geram a sua vulnerabilidade. Os dados levantados permitem esclarecer o porquê da vulnerabilidade dessa professora, identificando e analisando os fatores que a desencadeia. Como aporte teórico, este trabalho apóia-se nas idéias de CANDAU (1999 e 2000), GUIMARÃES e SPOSITO (1998, 2002) sobre violência, ABRAMOVAY e RUA (2002) a cerca da vulnerabilidade, em relação à docência as idéias de LÜDKE, BOING (2004) e VILELA (2000) sobre questões de violência na escola.

Palavras-chave: Vulnerabilidade; Violência; Professoras das séries iniciais.

Introdução

No século XXI a violência ronda e perpassa o espaço escolar, tornando a figura da professora das séries iniciais do Ensino Fundamental extremamente vulnerável, desprovida da antiga áurea de personagem digna de respeito por todos na sociedade e em especial pelos alunos. A violência presente no cotidiano desta mulher professora é reflexo da violência que permeia a

sociedade e, conseqüentemente, a escola pública, que espelha todo o acontecimento que nela ocorre, por sua vez, também acaba produzindo a sua própria violência. DEBARBIEUX (2002), com relação à violência aponta que:

O que se tem, não é apenas uma violência física, que pode matar, que consiste em ferimentos, golpes, roubos, crimes, vandalismo, droga, tráfico e violência sexual, considera-se, que existem diferentes modalidades de violência.

A mulher professora vivencia uma violência real e/ou simbólica, que vem se materializando através da cultura da violência, cultura esta, que se banaliza a cada dia, sendo necessário encaminhar possíveis soluções para a extinção deste processo nefasto que segundo Vera CANDAU (2000):

... só perderá força quando houver transformações profundas em toda a sociedade. Precisamos resgatar sentimentos que hoje são tidos como ultrapassados ou fora de moda. Cordialidade, solidariedade e preocupação com o próximo não podem desaparecer.

GUIMARÃES (1998) destaca que: A instituição escolar não pode ser vista apenas como reflexo da opressão, da violência, dos conflitos que acontecem na sociedade. É importante argumentar que as escolas também produzem sua própria violência e sua própria indisciplina.

Já SPOSITO (2002, p.60) afirma que “violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito”. Segundo ABRAMOVAY (2002), a noção de vulnerabilidade é recente e foi desenvolvida com o objetivo de ampliar a análise dos problemas sociais, ultrapassando a referência à renda ou à posse de bens materiais, para incluir a população em geral. As ameaças verbais e intimidações geram “um clima de tensões cotidianas” de acordo com ABRAMOVAY e RUA (2002, p.235 e 236), o que contribui para “a banalização da violência” e sua legitimação como mecanismo de resolução de conflitos é que:

Em um primeiro momento, essas ocorrências menos severas como xingamentos, desaforos ou agressões verbais em geral são pensadas mais como precursores de ocorrências graves do que como práticas violentas em si. Quando se limitam ao enfrentamento verbal podem se resolver pelo diálogo e negociação. Em outros casos, mesmo começando com troca de ameaças, desaforos, ofensas ou provocações, agravem-se até chegar às agressões físicas, que requerem, muitas vezes, o envolvimento da polícia.

LÜDKE e BOING (2004, p. 174) destacam a importância do contexto institucional no processo de socialização dos professores: “(...) não se pode falar da profissionalização docente sem se referir ao estabelecimento de ensino”. Segundo os autores, embora os professores atuem dentro de um sistema regulado pelo estado, que estabelece as normas e impõe limites à sua autonomia, cada escola é um microcosmo onde interagem professores, alunos, funcionários, pais, e que influencia a atuação dos profissionais que nela trabalham. Na constituição desse ambiente, os aspectos relacionais e afetivos apresentam-se como fundamentais. Para VILELA (2001):

O professor é um ator social, com uma função socialmente determinada e, portanto, diretamente responsável pelos processos educativos institucionais. É, pois, um dos sujeitos centrais do processo pedagógico, considerado em sua subjetividade, sua identidade, seus valores, seus saberes e habilidades.

Bernard CHARLOT (1997) classificou a violência escolar em três níveis:

- a) a violência – golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo;
- b) incivilidades – humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c) violência simbólica ou institucional – falta de sentido em permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos; a negação da identidade e satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos.

Segundo BOURDIEU (2001) a violência denominada simbólica ou institucional: “é aquela que se tece através de um poder que não se nomeia, que dissimula as relações de força e se

assume como conivente e autoritário” e as incivilidades, que consistem em atos e comportamentos sem gravidade, e que têm caráter essencialmente público.

Como aporte teórico, este trabalho trará as idéias de CANDAU (1999 e 2000), GUIMARÃES e SPOSITO (1998, 2002) sobre violência, ABRAMOVAY e RUA (2002) a cerca da vulnerabilidade, em relação à docência, as idéias de LÜDKE, BOING (2004) e VILELA (2000). O diálogo com esses autores dará a oportunidade de melhor entendermos como se desenrola todo esse processo e como as professoras de quatro escolas municipais, localizadas nos bairros de Pilares, Cavalcante, Água Santa e Del Castilho da cidade do Rio de Janeiro estão vivenciando o fenômeno da violência. Através deste estudo essas professoras terão a oportunidade de se posicionar e expor sobre como se desenrola todo esse processo de violência (real ou simbólica) na escola e em seu entorno, no seu cotidiano e como cada uma vem lidando com as suas fragilidades que geram a sua vulnerabilidade. O conhecimento destes dados é de extrema importância e relevância para se entender o porquê da vulnerabilidade da mulher no exercício do magistério nos anos iniciais do ensino fundamental, buscando a compreensão, a identificação, a reflexão e a análise dos fatores desencadeadores dessa vulnerabilidade.

Ultimamente a violência faz parte do cotidiano de inúmeras escolas públicas do Brasil, e a figura da professora das séries iniciais do ensino fundamental tem sua vulnerabilidade aumentada a cada dia. Para tal basta analisar alguns dados estatísticos que comprovam essa afirmação, onde se destaca a professora, em especial, como figura central deste lamentável fenômeno que assinala um embrutecimento nas relações sociais entre professor e aluno. Segundo o jornal O Globo de 25/02/2008, uma pesquisa do sindicato dos professores do estado de São Paulo (Apeoesp) aponta que quase 90% dos educadores conhecem algum caso de violência dentro das escolas. Vandalismo e agressões físicas e verbais são os tipos mais comuns. Esse levantamento apontou ainda os causadores dessa violência - a maioria (93,3%) é de alunos; desconhecidos (31,6%) e pais (25,2%) também são citados. Dos 684 professores entrevistados, 70% afirmaram que sabem de casos de tráfico de drogas na escola; 67%, do uso de drogas pelos alunos. Outros 46% souberam de situações de pessoas armadas na escola.

A violência nas escolas públicas do Município do Rio de Janeiro também é um fato real e por isso torna-se necessário discutir as condições de trabalho da professora das séries iniciais do ensino fundamental, levando-se em conta que muitas vezes os agressores estão entre os próprios

alunos de sua turma ou da escola onde ela trabalha, o que gera um grande desgaste emocional, tendo em vista a perda da sua autonomia em algumas situações e o não reconhecimento do seu papel no contexto escolar. A frequência dos atos de violência é que gera a vulnerabilidade da professora que, de acordo com KOTTOW (2003, p.71).

O vulnerável sofre necessidades não atendidas, o que o torna frágil e predisposto a sofrer danos. Sujeitos vulneráveis têm que ser protegidos, enquanto os predispostos à vulnerabilidade precisam de assistência para remover a causa da sua fraqueza. Além da vulnerabilidade básica, intrínseca à existência humana, alguns indivíduos são afetados.

Segundo ALMEIDA (2005), trabalhar com o conceito de vulnerabilidade é passar a fazer perguntas a respeito do sujeito sobre o qual estamos falando. Perguntas nas três dimensões definidas no conceito: social, política institucional e pessoal. Os eventos que vulnerabilizam as pessoas não são apenas determinados por aspectos de natureza econômica. Fatores como a fragilização dos vínculos afetivo-relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiência.) ou vinculadas à violência, ao território, à representação política dentre outros, também afetam as pessoas.

Nesse sentido, a vulnerabilidade se associa às três dimensões e às formas de lidar com elas associadas às dificuldades físicas e estruturais do espaço escolar, portanto é nessa complexa interação que surge a predisposição da professora das séries iniciais do ensino fundamental à vulnerabilidade, pois o ambiente em que ela convive está se desestruturando por causa da violência. Desta maneira, a escola e toda a comunidade escolar, principalmente a professora, parecem tornar-se reféns de ações que fogem ao seu controle, ficando somente os efeitos da violência no seu cotidiano.

A professora de escola pública além de exercer sua função pedagógica exerce também a função de pára-raios e amortecedora de choques sociais, mas que infelizmente não tem o valor merecido pelo seu trabalho, que a cada dia torna-se mais depreciado. Como aponta BELINTANE (apud VERSIANI et all, 2005), hoje o professor recebe salários incompatíveis com a sua formação e cada vez mais minguado e insignificante nas relações educativas o que acaba se configurando como um triste legado do grande logro a que foi submetido; sem força alguma, portanto, para assegurar qualquer pacto.

A vulnerabilidade social representada pela violência se faz refletir no ambiente escolar, interferindo na relação interpessoal entre professora e aluno permitindo que os alunos utilizem essa prática como um ato perfeitamente normal no espaço escolar, como relata CAMACHO (2000). A idéia de vulnerabilidade da professora traduz uma situação de um grupo social e revela a insuficiência, inadequação ou deficiência da sociedade em lidar com a problemática existente dentro e fora da escola. É praticamente impossível separar violência e vulnerabilidade haja vista, que freqüentemente as ações de violência estão intrinsecamente associadas às disparidades nas relações de poder dentro do ambiente escolar.

Para ABRAMOVAY et all (2002, p.78), a escola está se transformando em um locus privilegiado para a reprodução massiva da violência estrutural e seus diversos níveis: institucional, simbólica e física. Segundo estudos realizados pela UNESCO, a escola vive hoje uma situação de vulnerabilidade aos vários tipos de violências, aumentando assim sua perda de legitimidade como lugar de transmissão de saberes, sendo a professora alvo principal dos ataques. Contudo torna-se imprescindível levar em conta que as relações entre escola e violência não devem ser analisadas necessariamente como um acontecimento que ocorre de "fora para dentro", já que a violência perpassa o espaço escolar atingindo-o sobremaneira, sendo por isso uma consequência das ações geradas no próprio âmbito e dinâmica da escola.

Como aponta ABRAMOVAY e PINHEIRO (2003) a violência está intimamente ligada à condição de vulnerabilidade e as atuais condições da professora na sua prática pedagógica geram grandes dificuldades, principalmente àquela ligadas ao exercício das ações educativas, propriamente ditas. Isto ocorre devido ao alto índice de violência, dentro das escolas, onde a professora a cada dia perde sua autoridade frente aos alunos em sala de aula e, conseqüentemente alguns alunos tentam estabelecer um novo tipo de relação onde agora é a professora que tem se enquadrar e se submeter ao "poder" dos alunos, invertendo o lugar das relações de poder no espaço escolar. As relações de poder propiciam o surgimento da vulnerabilidade entre os indivíduos na sociedade.

De acordo com CAMACHO (2001) a vulnerabilidade está presente em toda a sociedade e não se restringe a determinados espaços, a determinadas classes sociais, a determinadas faixas etárias ou a determinadas épocas. O sujeito vulnerável é aquele que detém uma cidadania instável e que não leva em conta os seus direitos ou por ignorância ou por pressão do seu grupo. A perda

da autonomia aflora a vulnerabilidade que é difícil de ser sobrepujada no momento que ganha uma representação diferente e patológica ou quando se manifesta em indivíduos que não possuem base ou ideais de vida pela falta de modelos a seguir (famílias estruturadas, crenças, amizades saudáveis...). OLIVEIRA (2001) afirma que vulnerabilidade faz com que a pessoa esteja susceptível ou sujeita a diversas influências sobre suas idéias ou pensamentos.

Portanto os sentimentos de desilusão e o desencantamento com a profissão evidenciam o processo de vulnerabilidade pelo qual a professora vem passando, o que gera um estado permanente de insatisfação e despertando sentimentos de indignação, medo, culpa vergonha, fracasso, fragilidade, incompetência, abandono, impotência e vontade de abandonar a profissão. Todos os aspectos apontados acabam agravando mais ainda a sensação de vulnerabilidade e insegurança da professora que nunca teve tão em baixa o seu prestígio social.

Os fios metodológicos do estudo: conhecendo o grupo pesquisado

Este trabalho refere-se do ponto de vista metodológico, a uma pesquisa qualitativa, exploratória, que segundo GIL (1995), busca esclarecer determinados conceitos que são objetos desse estudo. Os dados são coletados por meio de visitas de campo, cujo foco central foi a obtenção de dados, que nos permitissem entender as possíveis situações vivenciadas por professoras de quatro escolas da rede pública do Município do Rio de Janeiro. O trabalho se baseou na coleta de dados, tendo como suporte a técnica da entrevista semi-estruturada, que levantou questões relacionadas às possíveis representações que as professoras constroem a respeito da violência e da vulnerabilidade, que circulam dentro do ambiente escolar e em seu entorno e das quais muitas vezes são alvo, sem dar conta de tal.

Para a coleta de dados foram elaboradas perguntas para entrevistas individuais semi-estruturadas, que foram realizadas com professoras que trabalham em quatro escolas públicas da do Município do Rio de Janeiro, situadas na zona norte. O roteiro foi composto por blocos de questões, onde se procurou abranger indagações pertinentes a este estudo, partindo da caracterização de cada entrevistada. Para GIL (2002), este tipo de encaminhamento focaliza uma comunidade específica e desenvolve-se por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes, na perspectiva de captar suas explicações e

interpretações do que ocorre no grupo. Os atores deste estudo foram divididos em 2 (dois) grupos: professoras que atuam há mais de 20 anos e professoras com menos de 20 anos de magistério. De cada escola foram selecionadas quatro professoras, perfazendo um total de dezesseis docentes regentes, sendo que as entrevistas foram realizadas no mês de maio de 2008, nas referidas escolas, em horários disponibilizados pelas professoras, agendadas com antecedência. Segundo Gil (2002), essa modalidade de abordagem visa um contato maior com o problema de modo a esclarecê-lo. O planejamento desse tipo de entrevista, de acordo com o autor envolve pessoas que têm experiências ligadas ao tema da pesquisa, levando à análise e reflexão de exemplos que auxiliem no seu entendimento.

A análise do conteúdo das falas das professoras foi focada nos seus discursos, pois este estudo pode ser caracterizado, como descreve SPINK (1995), como um tipo de estudo no qual são utilizados poucos sujeitos, e onde tais sujeitos, denominam-se "sujeitos genéricos". Essa técnica estimulou as entrevistadas a refletirem livremente sobre tema em questão. As questões levantadas fizeram emergir das professoras, aspectos subjetivos que atingiram motivações não explícitas, ou mesmo conscientes, de maneira espontânea. Os resultados relativos às questões propostas foram agrupados por temas para melhor detalhamento deste estudo. As professoras que participaram da pesquisa serão apresentadas somente pelas letras do alfabeto com o objetivo de manter o anonimato e todas atuam nos anos iniciais do ensino fundamental de escolas públicas do Município do Rio de Janeiro. As informações relativas às professoras foram agrupadas e analisadas da seguinte maneira: questões relativas à formação, idade e tempo de atuação no magistério.

Com relação ao grau de formação das entrevistadas, fica evidente que as mesmas, em sua maioria, cerca de 68%, possuem curso de graduação. Isso demonstra a busca por qualificação no exercício da função, já que a legislação em vigor – Lei 9394/96 – permite a atuação nos anos iniciais do ensino fundamental, a partir da conclusão do curso normal, de nível médio. Observa-se, também, que três (19%) das professoras já atingiram a Pós-graduação e apenas duas professoras (13%) possuem somente o Curso de nível médio (curso normal). Das dezesseis entrevistadas, sete têm idades entre vinte e trinta e cinco anos. Percebe-se que as entrevistadas entre cinquenta dois e sessenta e sete anos são a minoria anos e o tempo de atuação no magistério, está entre onze e vinte anos, demonstrando que a procura pela profissão está defasada,

já que em um universo de dezesseis professoras, apenas três, têm seu ingresso no magistério entre zero a dez anos de atuação.

Tecendo os fios da teia: a violência e a vulnerabilidade

Este item enfoca e traz a análise das questões relativas a violência e vulnerabilidade onde as professoras puderam se posicionar a respeito. As professoras que colaboraram para a realização deste trabalho, em sua maioria, cerca de 80% atestaram que a violência está invadindo o espaço escolar e que o entorno das escolas há muito já vêm sofrendo com a violência. No que se refere especificamente à vulnerabilidade, 25% das professoras afirmaram ter se sentido vulnerável e outras 20% atualmente estão se sentindo muito fragilizadas, a ponto de entenderem que estão vulneráveis. Nem todas as entrevistadas (cerca de 25%) conheciam o termo vulnerabilidade, o que demonstra o desconhecimento de grande parte das professoras sobre o assunto. Das entrevistas das professoras destacamos abaixo algumas falas que refletem o foco deste estudo:

(H) Quando alguns alunos colocaram uma tesoura pontuda, aberta, em cima da cadeira para eu sentar. Por sorte, percebi, evitando a tempo, danos à minha integridade. (I) No dia que a mãe de uma aluna quis me bater, pois ela achava que não gostava de sua filha. (F) Quando sou obrigada a aprovar um aluno mesmo sem que este tenha condições de ir para o ano seguinte. (L) Para mim, vulnerabilidade é sentir-se completamente desprotegida, desamparada.

Os fios que foram tecidos neste tema se referem às violências real e simbólica e à vulnerabilidade da professora das séries iniciais. Cada professora entrevistada contribuiu com um fio para a concretude da análise que deram conta dos objetivos traçados para este estudo. Das dezesseis professoras que colaboraram para tecer este trabalho, todas atestaram que de alguma forma, a violência está invadindo o espaço escolar e que o entorno das escolas, há muito já vem sofrendo com a violência tão explícita na cidade do Rio de Janeiro. Os resultados relacionados às dificuldades das professoras com relação ao exercício da profissão apontam que quinze professoras, de alguma forma, têm tido dificuldades em exercer a profissão e apenas uma,

diz nunca ter tido problemas. Quando indagadas sobre as diferentes formas de violência, as professoras deram as seguintes respostas que evidenciam tal aspecto:

(G) “Honestamente sim. Porque as crianças estão mais agressivas e com mais dificuldades de retenção de informações”.(I) “Sim, o desrespeito dos alunos é o mais difícil para o exercício do magistério hoje em dia”.(J) “O grande número de alunos em sala de aula, e o desrespeito dos alunos”.(M) “Sim. Muita falta de segurança no entorno aonde trabalho”.

Conforme pode-se comprovar, 55% das professoras entrevistadas afirmam que o fato de pertencerem ao sexo feminino representa uma das causas de sofrerem mais violências que os professores do sexo masculino. Nesse sentido as professoras atestam que:

(B) “Hoje, vivemos em um mundo de intensa violência, falta de respeito pelo ser humano. São esses sentimentos que intensificam a violência dentro da escola. Pode ser que o papel da mulher na sociedade, como ser submisso, mais fraco, venha a intensificar essa violência”.(H) “Claro que sim. Mais uma vez, repito. A política educacional está alimentando tudo isso”.(D) “Muitas professoras estão abandonando o magistério, por medo ou doenças causadas pelo medo da violência”.(J) “. Conheço algumas colegas que por se encontrarem em área de risco no trabalho, pedem remoção, e se não a conseguem, abandonam o magistério”.

No que se refere as expectativas das professoras entrevistadas com relação à reversão da situação atual de violência por qual elas estão passando. Dentre as entrevistadas 87% acreditam que esse quadro vai melhorar, enquanto 13% delas são pessimistas e não vislumbram melhora na situação. Esse resultado expressa as idéias de CANDAU (2005, p.3) ao destacar que a mulher professora vivencia uma violência real e/ou simbólica, que vem se materializando através da cultura da violência, cultura esta, que se banaliza a cada dia, sendo necessário encaminhar possíveis soluções para a extinção deste processo nefasto que segundo a autora:

... só perderá força quando houver transformações profundas em toda a sociedade. Precisamos resgatar sentimentos que hoje são tidos como ultrapassados ou fora de moda. Cordialidade, solidariedade e preocupação com o próximo não podem desaparecer.

A violência sofrida pela professora na escola apresenta um quadro onde três professoras sofreram violência por parte dos alunos e três por parte dos pais dos alunos. Todas as professoras se resguardaram ao expor suas opiniões, esquivando-se a comentar se já haviam sofrido violência por parte da direção, dos colegas de trabalho, ou dos órgãos de Educação aos quais estão subordinadas.

(B) “Quando um aluno diz que vai ao Conselho Tutelar me denunciar por tê-lo deixado sem recreio terminando uma tarefa atrasada ou por ter agredido um colega”.(C) “Quando mesmo desacreditada de uma linha pedagógica, tenho que assumi-la, porque a escola assim deseja”.

O conhecimento das professoras, com relação à violência simbólica apresenta o seguinte quadro; 75% das professoras não sabiam exatamente o que significava o termo enquanto 25% conseguiram definir corretamente. Segundo os preceitos de BORDIEU (2001) a violência simbólica se tece através de um poder que não se nomeia, que dissimula as relações de força e se assume como conivente e autoritário. Sobre a violência simbólica as professoras assim se expressaram:

(E) “Sinto-me violentada, quando a sociedade cobra a responsabilidade por meus alunos e meu trabalho pedagógico torna-se distante do desejado”. (F) “Me sinto violentada simbolicamente, quando os responsáveis, tratam com descaso o trabalho realizado por mim junto a meus alunos. Quando não sinto o apoio da família”.

Das dezesseis professoras entrevistadas, seis já sofreram violência na escola, enquanto dez, não. Com relação à violência sofrida no entorno da escola, duas disseram já terem sido vítimas: uma teve dois pneus do carro esvaziados e a outra foi assaltada por um ex-aluno da escola. Em suas entrevistas as professoras destacam que:

(F) A mãe de uma aluna quis me bater, pois ela achava que eu não gostava de sua filha. (D) Alguns alunos, colocaram uma tesoura pontuda, aberta, em cima da cadeira para eu sentar. Por sorte, percebi, evitando a tempo, danos à minha integridade.(I) Ao término da aula vi que dois pneus estavam vazios e tive que pedir ajuda.(L) Quando fui assaltada próximo à escola na saída do 2º turno.

Sobre o conhecimento a respeito do conceito de vulnerabilidade, no grupo de professoras pesquisadas, doze não sabiam exatamente o que significava e quatro conseguiram definir de forma satisfatória e as falas a seguir são das quatro professoras aludidas:

(N) “Ficar despida de proteção, ser coagida”.(M) “É se sentir só, sem amparo, sem chão”.(L) “É sentir-se completamente desprotegida, desamparada. É estar exposta, insegura, instável”.(H) “Estar vulnerável é estar exposta a determinadas situações”.

Considerações Finais

Tendo em vista que o objetivo deste estudo foi desvelar os fatores que promovem a violência real e simbólica que geram a vulnerabilidade da professora das séries iniciais do ensino fundamental constatou-se que apenas quatro professoras tinham noção do que era vulnerabilidade o restante demonstrou ter pouco ou nenhum conhecimento sobre este conceito. Cerca de 80% das professoras entrevistadas acreditam, que seja difícil a reversão da cultura da violência que ora está instalada nas escolas e as demais, no entanto, acreditam que é através da cultura da paz, trabalhada desde a mais tenra idade, que passasse a respeitar as diferenças e ver-se ser humano no outro. Cultivando o respeito, proporcionando oportunidades de desenvolvimento da competência sócio-moral desde a infância, poderemos evitar que elas se transformem em adultos que só sabem submeter-se ou rebelar-se irrefletidamente contra as regras que vigoram na sociedade.

As professoras assumem que enquanto educadoras, precisam ajudar os alunos a assumirem as responsabilidades da cidadania democrática, trabalhando em prol da igualdade nos relacionamentos humanos. Em relação às propostas e soluções para as questões sobre violência que permeiam a professora dos anos iniciais do ensino fundamental, que a cada dia as tornam vulneráveis e sem condições de exercer o magistério de forma satisfatória, verifica-se que a maioria sugere que sejam tomadas medidas através de políticas públicas voltadas para a família e para a educação. Torna-se importante que programas de apoio às famílias sejam colocados em prática, pois os professores necessitam de aprimoramento profissional e valorização, assim como uma estrutura pedagógica e emocional satisfatória para desempenhar bem sua função.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. (Org.) **Violências nas escolas**. 3ª ed. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Branco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

_____. **Os novos riscos da juventude: a vulnerabilidade às DST/AIDS**. Cadernos do CEAM, v. 1, p. 79-88, 2001.

_____, Miriam; Pinheiro, Leonardo C. **Violência e Vulnerabilidade social**. Disponível em: http://www.cumbresiberoamericanas.com/cumbre_anteriores/xiii_cumbre_2003/com. Acesso em 20/05/2008.

ALMEIDA, Laura Maria P. **Vulnerabilidade Social**. Disponível em: www.cavanis.org.br/dow/geral/historico_social.pdf. Acesso em 18/05/2008.

AQUINO, J. G. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 47, pp. 07-19, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. 8ª edição, Rio de Janeiro - RJ Bertrand Brasil, 2005.

VERSIANI, Marco Aurélio et all. **Enfoque bioético da autonomia e vulnerabilidade docente frente à violência discente - estudo de caso**. Disponível em www.bioetica.catedraunesco.unb.br/htm/X%20-%20htm/biblio/periodicos/Pedro%201.pdf. Acesso em 14/05/2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

_____. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas, elaborações, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 1999.

CAMACHO, L. M.Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. São Paulo, 2000. Tese (dout.) Universidade de São Paulo.

CANDAU, V. **Escola e violência**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

_____, V. M. **Cotidiano Escolar e Cultura(s): encontro e desencontros**. In: CANDAU, V. M.(org.) *Reinventar a Escola*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

_____, Vera Maria. **A cultura da violência**. Jornal da oficina de Imprensa escolar Rio de Janeiro, Junho de 2005.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias nº 8. Porto Alegre July/Dec. 2002.

DEBARBIEUX, Eric e BLAYA, Catherine (Orgs.). **Violências nas Escolas: dez abordagens européias**. Brasília – DF: UNESCO, 2002.

GUIMARÃES, Aúrea. **A dinâmica de violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.

KOTTOW, M.H. **Comentários sobre bioética, vulnerabilidade e proteção**. In: GARRAFA, V.; PESSINI, L. (orgs.). *Bioética: Poder e Injustiça*. São Paulo: Loyola, 2003.

LÜDKE, Menga; BOING, L.A. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docentes**. Educação e. Sociedade, Campinas, v.25, n.89, p.1158-1180, set./dez. 2004

OLIVEIRA, R.R. **Autonomia e vulnerabilidade: a violência na vida dos adolescentes**. In: SIQUEIRA, J.E.; PROTA, L.; ZANCANARO, L. (orgs.). *Bioética: estudos e reflexões 2*. Londrina: UEL, 2001. p.187-225

O GLOBO (Online). **Pesquisa mostra que 90% dos educadores de São Paulo conhecem algum caso de violência**, 25/02/2008. Disponível em: www.nevusp.org/portugues/index.php?option=com_content&task=view&id=1529&Itemid=155. Acesso em 20/05/2008.

SPOSITO, M. P. **A instituição escolar e a violência**. Cadernos de Pesquisa, n.104, p.58-73, jul/98.

SPINK, M. J. **Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das Representações Sociais**. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). *Textos em representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. P. 117-145.

VILELA, Rita Amélia Teixeira. **Estar Professora-Ser Professora: Identidade Profissional de Professoras Primárias**. Trabalho apresentado na 23ª Reunião Anual da ANPED. GT14: Sociologia da Educação. 24 a 28 de setembro de 2001. Caxambu/MG.